

Uma vindicação biolinguística das línguas gestuais: da aquisição à evolução

António Benítez-Burraco

Facultad de Humanidades, University of Huelva

Resumo

As teorias atuais sobre a estrutura e a função da linguagem, a aquisição da linguagem na criança e a evolução da linguagem nas espécies baseiam-se em dados que derivam esmagadoramente da análise de línguas orais e do papel da oralidade na comunicação. A biolinguística é um recente ramo da Linguística que promove uma abordagem biológica aos fenómenos linguísticos. Embora tenha certamente contribuído para ganhar uma visão mais profunda da linguagem, a Biolinguística sofre das mesmas reservas básicas. Nesta contribuição, propomos especificamente que esta área de investigação recente tenha um papel mais central nos estudos em línguas gestuais. Ilustraremos (e justificaremos) a nossa posição ao considerar (biolinguisticamente) um modelo plausível da Faculdade da Linguagem (ou seja, a capacidade da mente/cérebro para a aquisição e utilização de uma língua, doravante FL), assente no modelo proposto por Hauser *et al.*, (2002). Neste nosso modelo, a FL é semelhantemente conceptualizada como um dispositivo computacional que pode interagir com diferentes dispositivos cognitivos e de externalização/internalização, contribuindo, assim, para diversas funções. Provamos que este modelo da FL pode iluminar alguns pontos controversos da aquisição, das perturbações e da evolução da linguagem. No entanto, uma vez que uma das interfaces potenciais da FL é o dispositivo visuo-gestual, as línguas gestuais são, necessariamente, uma peça crucial de evidência para a melhoria deste (e de qualquer outro) modelo

de processamento e evolução da linguagem, e, em último caso, para obter uma melhor compreensão dos aspetos da linguagem. De acordo com o nosso modelo, esperamos que os sujeitos surdos e ouvintes apresentem itinerários ontogenéticos qualitativos semelhantes (em particular, em relação à aquisição de sintaxe), como parece ser o caso. No mesmo sentido, esperamos que as regiões cerebrais ativas durante o processamento da sintaxe sejam semelhantes, como parece ser o caso. Mais importante, este modelo prevê que certos tipos de défices linguísticos e não linguísticos co-ocorrem em pessoas com perturbações, tanto surdos como ouvintes (esclarecendo a representação etiológica de muitas perturbações psiquiátricas). Eventualmente, e também de acordo com o nosso modelo, as propriedades formais das línguas gestuais (e a forma como são adquiridas) impedem a emergência de alguns itinerários evolutivos da linguagem nas espécies. Na nossa apresentação concentrar-nos-emos neste último aspeto, talvez a evidência mais atraente que suporta a vindicação de estudos das línguas gestuais em qualquer descrição biolinguística da linguagem.

Referências

1. Hauser, M. D., Chomsky, N., & Fitch, W. T. 2002. The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve? *Science* 298: 1569-1579.